

---

## Ressignific(a)ção das representações evangélicas nas telenovelas da Globo<sup>1</sup>

Catiane Rocha Passos de SOUZA<sup>2</sup>  
Instituto Federal da Bahia (IFBA)

Priscila CHÉQUER<sup>3</sup>  
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

### RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo discutir a representação evangélica caracterizada a partir das personagens Solange e Pastor Lívio, respectivamente, de duas telenovelas da Rede Globo: *Vai na fé* (2023), escrita por Rosane Svartman; e *Renacer*, remake escrito por Bruno Luperi (2024). A fundamentação teórica se concebe por estudos sobre o Protestantismo e pesquisas sobre a teleficação, no contexto brasileiro. A metodologia se estabelece com pressupostos analíticos referendados nas concepções de representação e na noção de sujeito amparado nos estudos do discurso. Os resultados visam ampliar o debate quanto às relações entre religião e mídia que se constituem pautas relevantes nas disputas de poder no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Evangélicos; Telenovela; Representação; Sujeito

### INTRODUÇÃO

No ano de 2014, realizamos uma pesquisa exploratória com o objetivo de observar o intercruzamento entre as telenovelas da Rede Globo de Televisão e as formações sociais brasileiras. Naquele momento, interessamo-nos por investigar a representação evangélica a partir do mapeamento de personagens de teleficação que se apresentavam como religiosos ou declaradamente evangélicos. Como resultado dessa pesquisa publicamos o artigo intitulado “Mídia e Religião: uma leitura da representação do evangélico na telenovela da Rede Globo” (Souza e Chéquer, 2014). Neste estudo, mapeamos desde a primeira personagem evangélica da Rede Globo na telenovela “Meu Bem Quer” (1993-1994) até a última, antes da pesquisa ser publicada, em “Amor à Vida” (2013-2014). No levantamento foi possível observar, a partir das seis telenovelas analisadas, que, em geral, os evangélicos eram representados com uma variação que ia desde o fanatismo, com tendências ao mau-caratismo, à imoralidade sexual na vida privada em contraponto à

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na UFBA. Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA) - Campus Salvador. Pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura e Processos Sociais - GPEC (IFBA). Email: [catirochapassos@gmail.com](mailto:catirochapassos@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA); Docente do curso de Comunicação Social (Rádio, TV e Internet) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Pesquisadora do Grupo Observatório da Cultura Contemporânea - GOCC (UESC). Email: [priscilachequer@gmail.com](mailto:priscilachequer@gmail.com)

moralidade exacerbada na vida pública, e de forma estereotipada com linguajar, figurino e comportamento radicalmente conservador.

Ainda na pesquisa em 2014, pudemos observar que, do conjunto de telenovelas com personagens evangélicos, duas delas (mais recentes) já demonstravam um movimento de aproximação com esse público a partir da busca de uma representação mais aproximada do imaginário aceitável idealizado, de certo modo, por esses religiosos. Em “Cheias de Charme” (2012) e em “Amor à Vida” (2013-2014) as personagens Ivone e Gina, respectivamente, fugiam do estereótipo do evangélico fanático, radical, barulhento e conflitante. No caso da última personagem, apontamos que:

A última novela das 21h exibida, entre 2013-2014 na Globo, foi “Amor à vida” que acentuou a discussão sobre esse tipo de personagem com a tentativa, segundo o próprio escritor Walcyr Carrasco, de trazer um núcleo evangélico com respeito: “Eu não quero cacoc, nada que leve para o humor. Os evangélicos são muito sensíveis, talvez por terem sido objeto de crítica outras vezes. Quero, sim, um tratamento respeitoso”, afirmou Carrasco, em entrevista ao jornal Extra. A novela traz um grupo de personagens que frequentam uma igreja com um pastor que em sua história trocou o bar pelo púlpito. Mostra o papel da religião na cura dos sofrimentos (Chéquer e Souza, 2014, p.14).

Naquele momento, o censo do IBGE (2010) já apontava os evangélicos como o grupo religioso com maior crescimento no país e sua relevância no espaço público já começava a ser observada e estudada a partir da crescente participação na política, nos espaços de consumo e de entretenimento. Tal fato, explica o início desse movimento da Rede Globo em se aproximar dos evangélicos, buscando uma representação mais amistosa em suas telenovelas.

Passados dez anos dessa primeira pesquisa, observamos a necessidade de atualizá-la com reflexões sobre alguns fenômenos recentes que reverberam na representação de novos personagens evangélicos nas telenovelas da Globo: o aumento do número de desigrejados, a participação política dos evangélicos, a ascensão de grupos progressistas, a circulação de desinformação entre esses religiosos e, por fim, o sucesso das telenovelas bíblicas.

## **EVANGÉLICOS E TELENOVELAS NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Desde 2010, quando o censo do IBGE identificou que o número de “evangélicos não determinados” passou de 1.046.487 em 2000 para 9.218.129, aumentou o número de estudos sobre o fenômeno dos desigrejados no Brasil. Esses evangélicos deixaram de

frequentar os templos por diversos motivos, desde fatores relacionados ao modo de vida atual, sobretudo nos centros urbanos, como violência e trabalho informal, à desaprovação dos líderes e/ou dos usos e costumes, etc. Além disso, desde o período do isolamento social obrigado pela pandemia da Covid-19, boa parte das igrejas, cujos templos foram fechados, passaram a ofertar serviços em ambientes virtuais como *lives* de cultos, acompanhamento pastoral via app de mensagens, podcasts com pregações, etc. Após a pandemia, observa-se que tais práticas de interação virtuais permaneceram e foram incorporadas às dinâmicas litúrgicas das igrejas (mesmo com o retorno dos cultos presenciais) o que estimulou muitos fiéis a não mais frequentarem os templos como antes.

Esse tipo de religioso não frequentador sempre existiu no Catolicismo brasileiro, a diferença no universo protestante é que surgem quando as mídias digitais possibilitam a capacidade de se integrar às práticas e lógicas de comportamento de comunidades virtuais, constituindo coletivos que se manifestam ativamente:

Outro elemento que se destaca neste processo de “ocupação cristã das mídias digitais” é o espaço conquistado pelos desvinculados do ponto de vista eclesiástico – aqueles das “igrejas não-determinadas”, também chamados “sem-igreja” ou “desigrejados”. Pessoas que professam a fé cristã e que, por alguma razão, decidiram pela desvinculação institucional, mas desejam continuar partilhando da fé em comunidade e expressando publicamente reflexões, ideias, experiências, opiniões. Se isso já acontecia no nível presencial, com as comunidades alternativas que sempre existiam, com as mídias digitais foi ampliada a possibilidade de encontro e interação dessas pessoas, com a formação de comunidades virtuais (Cunha, 2017, p. 32).

Na medida em que se acelerou a atuação dos evangélicos nas mídias digitais ocorreu também o maior envolvimento na política com articulações em bancadas evangélicas, lançando candidaturas e elegendo representantes nas diferentes esferas de poder, sobretudo em prol de pautas conservadoras. Entretanto, embora em menor número e menos articulados, vem aumentando os grupos e líderes evangélicos considerados progressistas. São ativistas em prol de direitos humanos, do meio-ambiente, da igualdade de gênero, da igualdade racial, dentre outras pautas.

Nesse contexto de disputas, um fenômeno que chama à atenção dos estudos é a aceleração da circulação de desinformação voltada aos evangélicos, principalmente, com conteúdo político. A pesquisa “Caminhos da desinformação: evangélicos, fake news e WhatsApp no Brasil” (2021), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), indica que os evangélicos são os que mais reconhecem já ter encaminhado, intencionalmente ou não, mensagens com conteúdo falso, enganoso ou impreciso.

---

Esses fenômenos, brevemente abordados aqui, vão demarcar os modos de representação dos evangélicos, inclusive na teleficção, como é o caso das personagens da Rede Globo. Além disso, é importante destacar as disputas de audiência entre a Globo e a Rede Record que, desde 2015, passou a investir intensamente na produção de telenovelas bíblicas:

Observa-se se que a adjetivação “bíblica” agrega um sentido de valor à telenovela conferindo um significado especial para o público-alvo. Ao mesmo tempo que qualifica a trama como liberada para a audiência, desqualifica as produções dos outros canais que não são bíblicas e, portanto, devem ser evitadas. O adjetivo bíblico e/ou gospel reveste inúmeros produtos culturais para um consumo sacralizado: músicas, roupas, objetos de papelaria etc. e, agora, telenovelas (Chéquer e Souza, 2021, p. 18).

O sucesso das telenovelas bíblicas da Record possui correspondência com o fato de os protestantes não se reconhecerem nas personagens evangélicas das telenovelas tradicionais, principalmente pela representação, em geral, estereotipada. Desse modo, reivindicam uma representação “digna”, ou seja, personagens que correspondam ao imaginário aceitável idealizado por esses religiosos. Na contemporaneidade, não se trata de imagem ortodoxa ou “fidedigna”, porém uma representação do sujeito trabalhador que, no universo do subúrbio, mostra-se um exemplo de resistência.

## **REPRESENTAÇÃO E SUBJETIVIDADE**

O conceito de representação é bastante discutido em diferentes áreas do conhecimento. Para este trabalho, “podemos pensar a representação como um mecanismo social de produção de sentidos para o indivíduo e para o grupo ao qual ele pertence. Essa produção de sentidos resultaria em múltiplas e contraditórias visões sobre a realidade, construída de forma autônoma pelos diversos grupos sociais” (Souza e Chéquer, 2015, p. 38).

Para alcançar esse mecanismo social de produção de sentidos, trataremos uma abordagem a partir da noção de sujeito que, neste trabalho, se refere a lugares determinados na estrutura de uma formação social, conforme designada na Análise do Discurso de linha francesa. Para a qual, um indivíduo pode ocupar várias posições-sujeitos e somente pela materialidade discursiva se alcança observá-las. “A análise de discurso não pode se satisfazer com a concepção do sujeito epistêmico, ‘mestre em seu domínio’ e estratégico em seus atos (face às coerções bio-sociológicas); ela supõe a

divisão do sujeito como marca da sua inscrição no campo do simbólico” (Pêcheux, 2011, p. 230). Como modo de entender as posições-sujeitos que constituem a representação evangélica nas telenovelas da Rede Globo, em estudo aqui, apresentamos uma contextualização das personagens Sol e Pastor Lívio.

### **Sol: uma mulher de fé**

“Vai na fé”, telenovela veiculada em 2023, escrita por Rosane Svartman, traz como enredo a história de Solange (Sol), interpretada por Sheron Menezes: uma mulher negra, periférica e trabalhadora ambulante - vendedora de quentinhas. Sol é arrimo da família desde que o marido Carlão ficou desempregado no período da pandemia e precisa lidar, além do orgulho do marido, com a limitação financeira, a perseguição de fiscais da prefeitura, o racismo e outras dificuldades impostas à população negra no Brasil. Assim como boa parte das mulheres negras e periféricas do país, Sol é cristã protestante e deixou a vida de festas, dançarina e cantora de bailes funks ao se converter a uma igreja evangélica. Na página oficial da novela no site do Gshow, a personagem é descrita da seguinte forma:

Sol (Sheron Menezes) levanta todos os dias antes das seis da manhã para trabalhar. Mulher de fé, mãe, guerreira, moradora de Piedade, bairro tradicional da Zona Norte do Rio de Janeiro, vendedora de quentinhas no Centro da cidade. Sol é como milhões de brasileiros que sonham, lutam e correm atrás. Sol canta no coral da igreja desde a infância. Na juventude, sem que os pais soubessem, frequentava os bailes funks que marcaram os anos 2000 e era conhecida como a princesa do baile. Hoje a família passa por dificuldades financeiras, e é nesse momento que o acaso a faz parar nos palcos (Gshow, 2023, online).

A trama se estabelece pelas dificuldades que a protagonista vive na tentativa de conciliar as diferentes posições-sujeito, por exemplo: ser do coral da igreja e dançar numa banda pop; defender a moral cristã, mas esconder a verdade sobre a paternidade da filha mais velha, dentre outras situações que aproximam a personagem de representação verossímil. Na telenovela, outra personagem que legitima isso é o Pastor Miguel, conselheiro da protagonista. O ator Adriano Canindé, que interpreta Miguel, é também pastor na vida real.

Em entrevista ao Programa Encontro com Patrícia Poeta, da Globo, exibido em 31/07/23, o ator fala sobre o dilema pessoal em ser ator e ser evangélico, espelhando sua experiência no conflito vivido pela protagonista Solange em “Vai na Fé”. O ator disse

---

que chegou a pensar em desistir da profissão, mas que permaneceu devido ao conselho de um pastor:

Eu recebi uma palavra de um pastor dizendo: “Deus quer que você fique exatamente onde você está, você tem que trabalhar com isso, você vai ser luz onde você for, Deus vai te usar nesses lugares, você vai para a Globo, você vai fazer novela, você vai trazer essa mensagem de esperança, de amor, de fé” (Gshow, 2023, on-line).

Na mesma entrevista, o ator Adriano Canindé reforça a sobreposição na representação do papel Pastor Miguel: “Aqueles conselhos que nós damos ali pra Sol (Sheron Menezes) servem para as nossas vidas, servem para as pessoas que estão assistindo a gente” (Gshow, 2023, on-line).

### **Pastor Lívio: um encontro com os progressistas**

“Renascer” é um remake da Rede Globo escrito por Bruno Luperi, exibida na faixa do horário nobre de 22 de janeiro a 06 de setembro de 2024. A versão original foi escrita por Benedito Ruy Barbosa, veiculada em 1993, se tornando um grande sucesso na época. O enredo conta a história da saga do cacau no sul da Bahia (especificamente em Ilhéus) a partir da história de José Inocêncio, um homem que construiu sua fortuna com a cultura cacauzeira.

Como um remake, a versão atual de “Renascer” precisou ser atualizada para contemplar o contexto contemporâneo. Um dos elementos dessa atualização, que nos importa discutir aqui, é a transformação do personagem Lívio em pastor, pois na primeira versão, em 1993, era um padre que, ao longo da trama, ficou dividido entre a batina e um amor proibido.

Com uma vida dedicada à vocação religiosa, Pastor Lívio cresceu em um lar evangélico batista. Desde muito cedo percorre o caminho da fé dentro da Igreja, até que seus questionamentos falassem mais alto e o levassem para as estradas em busca de Deus. Foi nessa via-sacra que os seus caminhos e os de Padre Santo se cruzaram (Gshow, 2024, on-line).

Diferente de Sol, que vive os conflitos entre as posições-sujeitos, o Pastor Lívio se apresenta coerente como líder evangélico progressista, ecumênico e desigrejado. Suas posturas frente às situações problemas na trama traduzem um comportamento idealizado no imaginário coletivo próximo ao de lideranças progressistas que vem se destacando nas mídias, a exemplo do Pastor Henrique Vieira, deputado federal (PSOL), o qual, inclusive, fez laboratório com o ator Breno da Matta, intérprete do Pastor Lívio.

## FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: EVANGÉLICOS, REDE GLOBO E TELENÓVELAS

No percurso analítico, neste trabalho, para compreender a ressignificação das representações evangélicas nas telenovelas da Globo, partimos inicialmente da reflexão sobre os lugares desses sujeitos (evangélicos e Rede Globo) na sociedade brasileira. Esses lugares se constituem pela imagem que esses sujeitos fazem de si, do outro e do referente, que aqui é a telenovela. Essas imagens se estabelecem por relações que implicam disputas de sentidos e de força, formando as Formações Imaginárias (FI):

Que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (Pêcheux, 1997, p. 83).

As imagens resultantes de projeções da(s) posição(ões)-sujeito, especificamente nesta análise, traz o referente como mediador: as telenovelas. A teledramaturgia, pode-se dizer, é o maior produto da Rede Globo que lhe garantiu manutenção de picos de audiência ao longo da sua história. Entretanto, esse histórico vem sendo ameaçado nos últimos anos por diversos aspectos, dentre os quais destacamos três: ascensão das plataformas de *streaming*; boicotes em redes digitais; sucesso em audiência de telenovelas produzidas pela Rede Record, sobretudo telenovelas bíblicas.

Esses aspectos nos revelam indícios das imagens do lugar que A (Rede Globo) faz sobre si, sobre B (evangélicos) e sobre o referente. Como também, nos leva a perceber a imagem do lugar que B faz sobre A e sobre as telenovelas. Sobre a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B: quem são os evangélicos para que a Globo os represente assim?

O crescimento de evangélicos no Brasil, anunciado pelos últimos censos e em outras pesquisas, direciona um olhar cuidadoso para esse nicho que, em sua maioria, compreendendo as tensões ao longo da história, “não admitem o conteúdo produzido pela Rede Globo e encontram nas novelas da Rede Record a possibilidade de conjugar o gosto pelo formato, com a aceitação do conteúdo” (Matos *et al*, 2017, p. 189). Com o objetivo de conjugar o gosto pelo formato com a aceitação do conteúdo, “Vai na fé” (2023) revela que para sua elaboração foi realizada uma boa pesquisa sobre o universo evangélico:

Independente da narrativa que a trama constrói, o trabalho de pesquisa para a escolha da intérprete principal é bem feito. Em pesquisa recente

do Latinobarómetro observamos que 62% dos evangélicos têm entre 16 e 44 anos. A atriz Sheron Menezes, também representa uma religião majoritariamente feminina, sendo que 58% dos frequentadores dos templos são mulheres, destes 59% dos frequentadores de templos evangélicos são pretos ou pardos (Gomes, 2023, on-line).

Gomes (2023) elogia o trabalho de pesquisa, mas critica alguns elementos da representação, como os das cenas de liturgia: “a trama apresenta uma versão abrazeirada do gospel negro típico dos Estados Unidos”. Se as cenas com liturgias aproximam a representação do protestantismo norte americano, outros aspectos assemelham-se bastante ao *modus vivendi* dos evangélicos nas periferias do Brasil como nas cenas em que postagens, sobre a vida de Sol e do seu trabalho como artista, circulam rapidamente em plataformas digitais pelos celulares de pessoas da igreja, inclusive com desinformações. A dicotomia gospel-evangélico se dissolve em outros elementos da trama que caracterizam esses religiosos: por exemplo, o senso de comunidade que se revela no cooperativismo, como nas cenas em que um irmão da igreja oferece um automóvel para o marido da personagem Sol trabalhar como entregador.

Sobre a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A: quem é a Rede Globo para que represente os evangélicos assim? Ao trazer a primeira protagonista evangélica, a personagem Sol, no horário das 19h que, em geral, apresenta teledramaturgias mesclando cômico com melodrama da classe trabalhadora, a Rede Globo carimba sua intenção de aproximação com o público protestante. O resultado do investimento da Rede Globo na produção da “telenovela evangélica”, como foi rotulada “Vai na Fé” em muitos sites, foi anunciado por dados que revelam sucesso de audiência e o maior faturamento no horário, superando “Cheias de Charme” (2012), além disso: “no Globoplay, Vai na Fé já ganhou o posto de mais assistida entre as novelas das 19h e é o segundo conteúdo mais assistido atrás apenas de Todas as Flores na plataforma de streaming” (Farias, 2023, on-line).

Sobre o ponto de vista de A (Rede Globo) sobre R (telenovelas): enquanto em “Vai na Fé” há indícios de uma representação, em boa medida, verossímil do universo evangélico nas periferias dos centros urbanos; em “Renascença”, observamos um movimento inverso quanto à representação do personagem evangélico Pastor Lívio. O líder religioso desigrejado, ecumênico e progressista resolve permanecer em Ilhéus após falecimento do Padre Santo (Chico Diaz), que morre durante uma conversa com o Pastor: cena simbólica como uma espécie de ritual no qual o representante católico autoriza sua



sucessão por via evangélica, desde que com características que fogem às lideranças protestantes tradicionais que, na maioria, são igrejados, não toleram a diversidade religiosa, sobretudo as correntes não-cristãs, e são conservadores.

Se Sol corresponde a uma representação mais verossímil do evangélico médio/padrão, o Pastor Lívio transcende essa representação e mostra aquilo que o evangélico deveria/poderia (ou deverá/poderá) vir a ser, desnudando as incongruências do conservadorismo/moralismo político religioso nacional. Assim, o movimento é inverso no caso do personagem Pastor Lívio em “Renascer”, pois indica, de certo modo, a finalidade pedagógica da telenovela como constituidora de representações políticas, na medida em que aborda temas e acontecimentos, gerando um debate público ampliado, oferecendo “valores e padrões de conduta moral que permitem aos telespectadores posicionar seus dramas pessoais cotidianos em termos que fazem sentido coletivamente” (Marques, 2015, p. 319).

Essa finalidade político-pedagógica subsidia o ponto de vista de B (evangélicos) sobre R (telenovelas). Quase sempre, esses religiosos veem a teledramaturgia como um importante influenciador/construtor dos costumes. Um indício dessa visão são os boicotes às telenovelas da Globo, alguns ganharam grandes proporções nas redes digitais, tais como: o boicote à “Salve Jorge” (2012-2013) e à Babilônia (2015). As justificativas para essas campanhas, pelos evangélicos, vão do discurso conservador ao fundamentalismo religioso: “a Rede Globo, como maior produtora de telenovelas do país, consequentemente, figura nos sentidos desses religiosos como disseminadora de valores imorais e que deturpam a família” (Matos *et al*, 2017, p.186).

## **SOL E PASTOR LÍVIO, BOM-SUJEITO E MAU-SUJEITO: MODALIDADES EVANGÉLICAS NAS TELENOVELAS DA GLOBO**

De acordo com os postulados da Análise do Discurso de linha francesa, para chegar ao funcionamento do sujeito faz-se necessário observar sua relação com a formação discursiva, pois é no discurso, por meio da linguagem, que se manifesta a formação ideológica. Nessa configuração, as posições-sujeito assumem certas modalidades. Pêcheux (1997) descreve três modalidades: o “bom-sujeito” que se identifica plenamente com a formação discursiva; o “mau-sujeito” que duvida, questiona, contrapõe saberes da formação discursiva; e, por fim, o sujeito que não se identifica com a formação discursiva.

---

Nas observações realizadas neste trabalho, consideramos a personagem Sol, protagonista de “Vai na Fé”, um sujeito que se identifica plenamente com a formação discursiva evangélica, apesar de viver um conflito moral ao esconder de todos a verdade sobre a paternidade da filha mais velha. Esse conflito moral legitima a evangélica quanto ao lugar de protagonista na telenovela, conformando conteúdo e forma, pois não seria possível ocupar esse lugar sem uma trama. O conflito moral é compensado pelo fato da personagem ter sido vítima de estupro na juventude.

Outra condição que poderia desidentificar a personagem com sua formação discursiva é o fato dela se tornar cantora e dançarina de banda secular, uma profissão que foge aos usos e costumes do modo de vida evangélico. Essa condição gera várias situações conflitantes no enredo, mas que são contornadas com falas da personagem, justificando sua atuação nos palcos, o argumento é profissional, em prol de melhorar a condição financeira da família.

O significado do trabalho e da profissão para os protestantes é um tema discutido por estudiosos desde a publicação, em 1904, de “A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo” de Max Weber. Na análise da ascese protestante intramundana, Weber (2004) discute a ideia de poupança para os calvinistas, que deveria ser reinvestida no aperfeiçoamento da profissão, no mundo do trabalho, e como isso influenciou no desenvolvimento dos países capitalistas. Essas características coincidem com as exigências do sucesso na emergente economia capitalista. No universo católico, quando a nobreza ainda exercia forte influência, valorizava-se o ócio, enquanto os calvinistas, o negócio. Para o catolicismo havia a expiação dos pecados, bem como os pecados poderiam ser compensados pelos sacramentos, com fins de alcançar a salvação, diferentemente do que era pregado na doutrina calvinista da predestinação. Essa diferença foi substancialmente observada por Weber ao relacionar a prosperidade financeira à ética protestante. Enquanto o primeiro capitalismo, o mercantilista, tinha a nobreza católica e rica como protagonista, o capitalismo moderno se formou nos centros urbanos, com o crescimento paulatino do artesão e do pequeno burguês cujo resultado é uma classe dominante laboriosa que trabalha todo dia e exige o mesmo de seus empregados.

A herança da ética protestante na formação ideológica evangélica brasileira é discutida por autores como Jessé Souza (2012) que trata, por exemplo, do Pentecostalismo, maior corrente evangélica no Brasil, como “uma forma tipicamente moderna de religiosidade das classes dominadas, em sintonia com as formas modernas de

exclusão e dominação, engendradas pelo capitalismo e pela modernidade” (p. 311-312). Na luta por melhores condições de vida, no contexto contemporâneo, sem a certeza de um futuro melhor, os pentecostais se apossam do “novo espírito capitalista”, ou seja, de uma capacidade criativa e empreendedora:

É nessa luta que o chamado “novo espírito do capitalismo” se afirma entre os dominados como forma de descrição da incerteza, como se ela fosse escolha, motivando o comportamento empreendedor mesmo sobre essas condições, legitimando e em parte construindo o *habitus* de classe exigido pela situação instável que se ocupa na divisão social do trabalho (Souza, 2012, p. 324).

É nessa situação instável, revestida pelo espírito empreendedor que a protagonista de “Vai na Fé” justifica sua atuação profissional, que aparentemente a distanciava dos usos e costumes tradicionais do universo evangélico. Nesse sentido, seu comportamento, ao contrário, a aproxima muito mais da formação discursiva evangélica pela significação do trabalho. Sendo uma “batalhadora”, nos termos discutidos por Souza (2012), podemos identificar os discursos que constituem a personagem Sol em plena harmonia com sua formação discursiva evangélica, uma persona na modalidade “bom-sujeito”, conforme a classificação pecheutiana.

Diferente do que observamos em “Vai na Fé”, na novela “Renacer”, o personagem Pastor Lívio questiona, contrapõe e duvida da formação discursiva evangélica, sem, contudo, se desidentificar dela. Essa identificação é figurada no enredo, principalmente, pelo título de pastor, pelo qual o personagem torna-se, de certo modo, uma autoridade, pois passa a ter voz na comunidade, sendo também ouvido a respeito de vários assuntos.

Uma das situações em que o personagem Pastor Lívio contrapõe à formação discursiva evangélica é o fato de ser um pastor desigrejado. Ser desigrejado representa uma crise no pertencimento institucional evangélico, ou seja, assume-se uma nova forma de viver a religiosidade de modo autônomo, sem o vínculo com as igrejas. Em uma cena, o personagem esclarece o motivo pelo qual se torna desigrejado, no diálogo com a personagem Iolanda (Camila Morgado), mais conhecida como Dona Patroa, uma evangélica submissa ao marido. Outra atualização no *remake*, pois, na primeira versão da novela, Dona Patroa não era evangélica.

Na cena, o Pastor narra que deixou a igreja porque sente-se culpado pelo feminicídio de uma fiel que lhe confessou as agressões do marido: “Era uma verdadeira fiel, na acepção da palavra. Uma vez ela me procurou depois do culto. Nós sempre

---

falávamos sobre amenidades, mas ela veio me fazer uma queixa naquele dia”. Dona Patroa pergunta que conselho ele deu. "O que rezava na minha cartilha, já que uma vez casados...", e ela completa: "Casados para sempre". O Pastor continua: "Eu a aconselhei a voltar para a casa e orar com fervor pela conversão do marido. Assim eu havia sido ensinado: que o marido é a cabeça, à esposa cabe, portanto, a obediência, a submissão. Só me dei conta da gravidade do discurso que eu estava repetindo quando ela não apareceu no culto seguinte, no outro e nem no outro [...] Eu fui cúmplice desse crime e me pergunto de quantos outros mais eu não devo ter sido sem nem saber?"

Dona Patroa é uma personagem que sofre violência doméstica praticada pelo marido. Na primeira versão, a personagem também viveu esse drama, mas não era evangélica. A violência doméstica sempre teve as mulheres como principais vítimas. Nos anos 90, a violência doméstica era muito mais recorrente, sobretudo, na zona rural. Desde a lei Maria da Penha (2006), os casos de violência contra a mulher passaram a ter maior amparo legal e, portanto, um maior enfrentamento. O fato de Dona Patroa ser uma evangélica que sofre violência doméstica também tem relação com dados atuais.

A violência doméstica no Brasil tem raízes históricas na naturalização da desigualdade de gênero. O silêncio sobre o problema não é específico à comunidade evangélica. Entretanto, nessa comunidade outros fatores contribuem para o silenciamento do tema, por exemplo: o discurso de incapacidade feminina para cargos de lideranças, cujos efeitos são de cerceamento de voz feminina nos púlpitos resguardando o sistema criado pelos homens para protegerem uns aos outros; a responsabilização feminina pelo insucesso no casamento ou na criação dos filhos, dentre outros discursos que culpabilizam a mulher pela violência sofrida. Em 2016, a pesquisadora Valéria Cristina Vilhena publicou no livro “Uma Igreja sem voz: análise de gênero da violência doméstica entre mulheres evangélicas” resultado de pesquisa na qual aponta um índice alto de violência doméstica contra mulheres evangélicas.

Na cena, o Pastor Lívio correlaciona o silenciamento sobre a violência doméstica à falta de sentido em continuar institucionalizado, quando declara: "Até que eu ouvi de uma irmã que não precisava gritar pra falar com Deus, porque ele estava, não na igreja, mas dentro de nós. Só que eu olhei para dentro de mim e não encontrei ninguém... Olhei pra quela igreja e vi que Deus não estava ali. Então, sai por essas estradas sem rumo... E, nessa via sacra, meus caminhos e os de padre Santo se cruzaram". Por fim, fala para Dona Patroa: “Para Ele, a senhora peça paz, conforto. Mas peça também coragem para lidar

---

com seu marido da forma certa. Abuso e violência doméstica não se resolve na igreja ou com orações, mas sim na delegacia”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ressignificações das representações de evangélicos nas teleficções da Rede Globo refletem os fenômenos recentes desse universo religioso na sociedade brasileira. Um desses fenômenos é o aumento de desigrejados. Na análise, neste artigo, observamos que a justificativa do Pastor Lívio quanto a ser desigrejado tem relação com outro fenômeno muito atual: a crescente participação política dos evangélicos. O personagem, moldado nos parâmetros de uma liderança não apenas religiosa, mas, sobretudo, política, tem seu papel retroalimentado no discurso progressista durante todo enredo, desloca-se, portanto, daquelas representações evangélicas da teleficção da Globo, observadas por nós, até 2014.

O líder religioso progressista nas telenovelas, quase sempre, era destinado a personagens padres, cujos discursos se pautavam na crítica da realidade social, identificação com os oprimidos, inserção no processo político e busca por direitos. A transição dessa representação para personagens evangélicos, principalmente pastores progressistas, reflete dois movimentos: primeiro, o reconhecimento do contingente de telespectadores desse nicho; segundo, a aproximação à corrente progressista que diverge do conservadorismo das denominações mais ortodoxas.

O aumento do número de telespectadores evangélicos no país, inclusive não filiados às denominações, é refletido nos altos índices de audiência das telenovelas bíblicas da Rede Record, que também agradam cristãos católicos, cristãos espíritas, cristãos umbandistas dentre outras filiações do sincretismo embasado no Cristianismo. O sucesso das telenovelas bíblicas, em certa medida, mobiliza a reconfiguração da representação evangélica na teledramaturgia da Rede Globo. Isso pode ser observado nas mudanças de paradigmas, inclusive com a produção de “Vai na Fé” em 2023, considerada a primeira novela evangélica ou gospel da emissora com o núcleo principal da trama constituído, em boa medida, a partir das representações e conflitos vividos por esses religiosos na sociedade brasileira contemporânea.

## **REFERÊNCIAS**

BOLTANSK, Lue & CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. Ivone C. Benedetti. Rev. Brasília Sallum Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CHÉQUER, Priscila & SOUZA, Catiane R. P de. Mídia e Religião: uma leitura da representação do evangélico na telenovela da Rede Globo. **Anais do XII Congresso ALAIC** - Asociación Latinoamericana de Investigadores en Comunicación (2014). Disponível em: <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2014/10/GI3-priscila-chequer-catiane-rocha-GI-3.pdf>. Acesso em 09 jun. 2024.

CHÉQUER, Priscila & SOUZA, Catiane R. P de. A religião midiaticizada e a emergência das telenovelas bíblicas. **Anais de Artigos do IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais**. V. 1 n. 4 (2021). Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiaticizacao-artigos/article/view/1324>. Acesso em 09 jun. 2024.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do Púlpito às Mídias Sociais: Evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Prismas, 2017.

CUNHA, Magali. Mulheres evangélicas olham para a vida e resistem, mostram as pesquisa eleitorais. Diálogos de fé. **Carta Capital** (2022). Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mulheres-evangelicas-olham-para-a-vida-e-resistem-mostram-as-pesquisa-eleitorais/>. Acesso em 09 jun 2024.

FARIAS, Taís. Rosane Svartman: entretenimento e conexão com a atualidade. **Meio&mensagem**. Disponível em <https://www.meioemensagem.com.br/midia/rosane-svartman>. Acesso em 14 jun 2024.

GOMES, Vinícius. Vai na fé: novela mostra que Globo desconhece evangélicos brasileiros. OBSERVATÓRIO EVANGÉLICO. **UOL**. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/vai-na-fe-novela-da-globo-mostra-desconhecimento-dos-evangelicos-brasileiros/>. Acesso em 14 jun 2024.

MARQUES, A. C. S. Telenovela e Política: perspectivas e modos de abordagem. **Revista Significação**. V. 42, n 44. 2015. Disponível <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/download/102506/106939>. Acesso em 14 jun 2024.

MATOS, R. C. A. *et al.* O consumo da novela pelos pentecostais: entre negociações e negociações, **Ação Midiática – Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura** 1(14):177. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/54365>. Acesso em 14 jun 2024.

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas- SP: Ed. Unicamp, 1997.

SOUZA, Catiane R. P. de & CHÉQUER, Priscila. Evangélicos na tela da Globo Novos noveleiros ou novos novelistas? In: **Temas contemporâneos: algumas reflexões sobre cultura, comunicação e consumo** / Rita de Cássia Aragão Matos (org.). - Salvador : EDUFBA , 2015. 188 p. - (Sala de aula ; 12), p. 35-58.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2ª Ed. Colaboradores Brand Arenari et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Trad. José M. Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo: Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.